

RENATO POMPEU

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 23/09/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Meu nome completo é Renato Ribeiro Pompeu, nasci em Campinas, São Paulo, no dia 24 de outubro de 1941. Filho de um jornalista especializado em agricultura e de uma telefonista. Minha mãe havia sido operária em uma fábrica de seda, só depois do casamento é que ela virou telefonista, além de dona de casa.

Qual era o nome dos seus pais?

O meu pai, já falecido, se chamava Paulo do Amaral Pompeu. Minha mãe é Iracema Ribeiro Pompeu.

Então a sua família já tinha envolvimento com jornalismo?

Sim, desde o século 19. Meus dois avôs, o paterno e o materno, foram jornalistas. Tive um tio avô, Rubens do Amaral, que foi um dos fundadores da *Folha da Manhã*, antiga *Folha de S.Paulo*. Tive outro tio avô que dirigiu o jornal *A Defesa*, em Campinas, e um irmão do meu pai também era jornalista, meu tio Hélio. Meu irmão mais velho, Sérgio Pompeu, foi diretor da *Veja*. Paulo de Tarso, meu irmão caçula, também foi jornalista, os dois já faleceram. A nova geração está representada pelo meu sobrinho, que está na editoria de Cadernos Especiais do *Estadão*, e pela minha sobrinha, que é diagramadora da Gazeta Mercantil [publicação suspensa em junho de 2009]. Nós respiramos jornalismo desde a infância. O pai não quer que os filhos sejam jornalistas e os filhos dão um jeito de ser.

Quais foram as suas primeiras experiências no jornalismo?

Antes de ser profissional, fiz jornalismo amador. Na infância eu fazia um jornalzinho sobre os acontecimentos da casa e meu irmão mais velho fazia outro - nós polemizávamos igual à *Ultima Hora* e à *Tribuna da Imprensa*. Como profissional, comecei a trabalhar aos dezoito anos na *Folha de S.Paulo*, naquele tempo *Folha da*

Manhã. Meu pai e meu tio também trabalhavam lá. Meu pai era o editor-chefe da *Folha Agropecuária*, que chegou a ser um caderno diário, se me lembro bem, porque a agricultura já foi muito mais importante do que é hoje. Já meu tio era o secretário de redação. E eu e meu irmão mais velho, o Sérgio, sem nosso pai saber, nos escrevemos em um concurso para entrar no jornal. Os inscritos tiveram que escrever uma carta na qual a gramática e a coesão eram analisadas por gente da redação, enquanto a letra era analisada por um grafólogo. Sim, grafologia: eles estudavam nosso caráter observando a forma da letra de cada um. Isso era muito usado pelas empresas nas seleções de novos profissionais. Naquele tempo o jornalismo tinha duas carreiras: uma que começava como repórter e terminava como redator-chefe e outra que começava como redator copidesque e terminava como secretário, o responsável pelo fechamento. No meu exame grafológico, concluíram que eu, por ter temperamento introspectivo, segundo eles, deveria ser redator copidesque. Meu irmão, mais extrovertido, se tornou repórter.

O que fazia um copidesque?

O copidesque tinha que rever o português do texto dos repórteres, adequar ao tamanho certo – porque o repórter não sabia o espaço que tinha –, fazer título e legendas. Como naquele tempo os jornais de São Paulo não seguiam inteiramente a ortografia oficial, nós não colocávamos acentos em proparoxítonas e em paroxítonas, só nas oxítonas. O copidesque fazia isso tudo.

A *Folha* já tinha, quando você entrou, um Manual de Redação?

Tinha Manual de Redação e depois passou a ter Manual da Redação. São coisas diferentes. O Manual de Redação se referia, por exemplo, às questões de grafia: como escrever o nome de cidades estrangeiras, coisas assim. Algumas décadas depois, surgiu na *Folha* o Manual da Redação, que tinha mais a ver com problemas de ética e linha editorial. Na *Folha*, este Manual de Redação vigorou durante décadas e agora eles mudam a cada ano.

Era comum, na época, alguém tão jovem na função de copidesque?

Sim, era comum. De cinco em cinco anos a *Folha* abria vagas e quem entrava, na maioria das vezes, eram jovens. Os jovens eram os únicos que costumavam ter um emprego só. A jornada era de cinco horas: entrávamos às 19 horas e saíamos à meia-noite. Os mais velhos tinham outro emprego, emprego público, em geral. Quem costumava escrever sobre Direito era um advogado, quem cobria Educação era um professor, Trabalho era feito por um advogado trabalhista e assim por diante.

Havia muito conflito entre os copidesques e os repórteres?

Os repórteres se queixavam dos copidesques e estes se queixavam dos repórteres. Felizmente, só tive um problema, no *Jornal da Tarde*. Era uma matéria sobre Canudos, que seria inundada, e o repórter escreveu que um sertanejo disse que ia mijar na barragem. Eu perguntei ao secretário se mantinha o trecho ou não. Ele falou "não". Quando o repórter voltou de Canudos, furioso com aquela mudança, o secretário pôs a culpa em mim. Esclareci que a decisão foi do secretário. Mas os repórteres sempre escreviam às pressas, já o copidesque tinha mais tempo para lidar com o texto e às vezes havia um companheirismo. Tem um episódio interessante: um repórter, muito inseguro, me perguntava: "Renato, como escrevo que o carro subiu na calçada e atropelou quatro pessoas?". Eu respondia: "Escreve *o carro subiu na calçada e atropelou quatro pessoas.*" A gente brincava que esse repórter escrevia à mão e corrigia à máquina.

O que está por trás dessa sugestão que você deu ao repórter? Uma maneira mais simples de escrever, mais coloquial, é isso?

O que está por trás é a insegurança de quem sempre tinha seu texto alterado pelo copidesque. Ele pensava que deveria escrever de uma maneira mais rebuscada. Já o copidesque buscava a maneira mais simples possível: escrever em linguagem culta, mas coloquial.

Houve uma grande renovação do texto jornalístico no Rio de Janeiro com o Diário Carioca, nos anos 1950. Aqui em São Paulo você percebia essa transição do texto rebuscado para o texto mais objetivo?

Já era normal escrever em pirâmide invertida. A gente tinha naquele tempo um conhecimento bastante prático do que era isso. Quando eu comecei na *Folha* não tinha diagramação, o secretário mandava descer a matéria inteira e calculava o tamanho por alto. Em geral, as matérias tinham que ser cortadas no chumbo, então eu aprendi a ler da direita para a esquerda, de cabeça para baixo, e aí eu senti a importância da pirâmide invertida: era mais fácil cortar pelo "pé", como se diz.

Enquanto você estava na *Folha* ocorreu a renúncia de Jânio Quadros e o golpe de 1964. Quais são suas lembranças desses fatos e da sua experiência no jornal?

Não vivi plenamente esses fatos porque eu ficava dentro da redação. Lembro-me que fiquei 36 horas seguidas na redação quando o Jânio renunciou. Na morte do

John Kennedy foi a mesma coisa. A gente tinha que escrever, era tudo na correria, não parava muito para pensar no que estava acontecendo. A minha visão do golpe militar é mais clara de fora, como estudante universitário, do que de dentro da redação. As notícias não chegavam e a nossa única preocupação era escrever o que ninguém entendia de maneira clara. Não me lembro da movimentação nas ruas, porque eu estava no jornal ou dentro da faculdade.

Você estudava aonde?

Ciências Sociais na USP [Universidade de São Paulo].

O *Jornal da Tarde* trouxe inovações na imprensa e você fez parte do início do projeto. Como nasceu esse novo jornal?

A mudança começou ainda na *Folha*, havia um grupo de jovens jornalistas que queria mudar as coisas. Estávamos nos anos 60, que foi uma época de muitas mudanças. Naquele tempo, ainda se usava “nosocômio” para não repetir a palavra “hospital” e “necrópole” para não repetir “cemitério”. Usavam esse termos absurdos. As traduções também eram muito precárias, eu me lembro, ninguém acredita, mas saiu na *Folha* a tradução de uma foto assim: “Acima, o futebolista brasileiro negro Pelé”. Queríamos mudar isso. Fazíamos, no *Jornal da Tarde*, brincadeiras com os títulos. Por exemplo: a atriz Jane Mansfield estava em um iate que ficou preso em um banco de areia e foi picada por mosquitos. Ela foi fotografada mostrando as pernas picadas e o Carlinhos Brickmann [ex-colunista e editor do jornal] criou o título: “Jane exhibe picadura: muito horrível”. Quando o Brasil intensificou as relações diplomáticas com a Coreia do Sul, havia apenas oitenta sul-coreanos no país, mas a expectativa era que o número aumentasse. Eu escrevi o título: “Coreanos no Brasil são oitenta: aumentarão com as relações”. Ou seja, havia uma vontade de fazer algo novo, mais atraente.

Quem mais trabalhava no *JT* e por que o jornal se tornou tão importante?

O Murilo Felisberto pediu demissão da *Folha* e foi para o *JT* com toda a sua equipe. O Mino Carta queria muito levar o Murilo para o *Jornal da Tarde* e conseguiu. Eu fui na onda, o meu irmão fazia parte dessa equipe e eu fui. Nós fizemos uma revolução gráfica e de texto na imprensa de São Paulo. No Rio de Janeiro isso já havia ocorrido, no *Jornal do Brasil*, mas em São Paulo não. As reportagens eram mais literárias, a gente saía um pouco do esquema da pirâmide invertida para fazer um *new journalism*. Eu não sabia o que era *new journalism*, mas a gente fazia isso. Então o *Jornal da Tarde* foi uma grande mudança e impôs um padrão gráfico que hoje todos os jornais adotam: fotos abertas, títulos grandes e corpo de texto maior.

Como foi sua passagem do *Jornal da Tarde* para a revista *Veja*?

Quando o Mino Carta foi convidado pela Editora Abril para fazer a *Veja*, não convidou ninguém para ir com ele. Os interessados em segui-lo se apresentaram a ele, e eu fui um deles. Houve uma disputa em torno de mim: *Veja* queria me contratar e o *JT* propôs um aumento de salário. No fim, acabei indo para a nova revista da Abril, com um salário quase dez vezes maior do que antes – para vocês terem uma ideia do que *Veja* representou na valorização salarial. Eu tinha alguma experiência com revista semanal porque lia *Time*, *Newsweek* e também as publicações francesas. Mas a maioria das pessoas não sabia como fazer uma revista semanal e foi uma aventura. Fomos aprendendo na prática, construindo o avião na medida em que estávamos voando.

***Realidade* começa a perder força no momento em que *Veja* surge no mercado. Foi uma coincidência? Qual era o perfil de *Veja* nesse momento?**

Essa história ainda não foi bem contada por todos os participantes. A gente não sabe direito o que aconteceu. Na minha visão, *Realidade* foi assassinada pela Editora Abril porque era uma revista contra o regime militar, em pleno regime militar. Além disso, era uma revista muito ousada, subversiva, não tanto na política, mas sim nos costumes. Ela incomodava muito os militares. Frei Betto conta que os falecidos Paulo Patarra e Sérgio de Souza lhe disseram que os anunciantes, certo dia, comunicaram que não anunciariam mais em *Realidade* enquanto a revista continuasse naquela linha. Então a Abril tirou o Paulo Patarra, outros saíram e a revista perdeu seu caráter contundente. Sobreviveu alguns anos, porque uma publicação consegue fidelizar os seus leitores e sobreviver mesmo após já ter morrido. *Veja* não teve culpa. Nunca vi no mundo nada igual a *Realidade*. A reportagem era em jornal ou em revista semanal: lá fora, no exterior, não existia uma revista mensal de reportagens. Por outro lado, *Veja* foi concebida como uma revista semanal de informação e era menos contundente, nos costumes e na política, do que *Realidade*, mas sempre foi crítica do regime militar – até a saída do Mino Carta.

Em que medida a censura afetava o trabalho do copidesque?

Eu não posso responder a essa pergunta porque nunca tive um texto censurado. Tudo que eu escrevia era publicado, então não passei pela experiência da censura. Isso porque eu não trabalhei em política, e nessa época eu estava doente. Além disso, estive internado em hospitais psiquiátricos, então as notícias da ditadura chegavam para mim como um eco amortecido, eu não tinha muita noção do que

estava acontecendo. Mas me lembro de ter lutado contra a autocensura, não contra a censura. Por exemplo, quando houve o AI-5, combinamos na redação que se houvesse censura a revista sairia com fotos de bichos nas páginas censuradas. Não foi possível, porque a direção da Abril, sem que nós soubéssemos, proibiu o Mino Carta de publicar aquelas fotos. Na segunda-feira seguinte, durante a reunião de pauta, nós protestamos. Mino ficou irritado: "Vocês estão me chamando de covarde!" Nós não sabíamos que ele tinha sido obrigado a não cumprir o que havíamos decidido.

Você trabalhou na *Folha* em dois momentos: antes e depois de ser comprada pelo Octavio Frias de Oliveira. O que mudou entre um período e outro?

Em primeiro lugar, quando comecei a trabalhar na *Folha*, este era um jornal bastante aberto, enquanto todos os outros jornais de São Paulo eram jornais de partidos. O *Estadão* era da UDN, o *Dia* era do Ademar de Barros, a *Hora* era do Jânio Quadros, a *Última Hora* era do PTB, o *Notícias de Hoje* era do partido comunista e a *Folha* não era de partido nenhum, era um jornal como os de hoje. E ela já fazia campanha por questões ambientais naquele tempo. Quando entrou o Octavio Frias de Oliveira não houve uma mudança maior – ela ocorreu depois que eu saí de lá, a partir de 1968, quando o regime fechou e a *Folha* começou a apoiar a ditadura, chegando ao ponto de ceder uma de suas edições para jornalistas que eram ligados à polícia política, cujas notícias foram usadas inclusive pelo aparelho de tortura. Vocês sabem dessa história, não é?

Não, pode contar.

Tinha um preso político cujo apelido era Bacuri. Ele foi muito torturado, mas não falou nada. Segundo me contaram, os militares chegaram a arrancar o nariz dele, deixando o sujeito com as fossas nasais expostas. Então a *Folha da Tarde*, que o Frias havia entregado para os jornalistas ligados à polícia política, publicou na primeira página que o Bacuri morreria ao resistir à prisão no litoral. O Bacuri leu isso na prisão e disseram pra ele: "Agora podemos fazer com você o que nós quisermos, afinal, você está morto." Eles o mataram. Isso mostra que a *Folha* teve uma ligação muito profunda com o regime militar. Daí o jornal, numa determinada altura, passou a não ter eco na sociedade porque o *Estadão* fazia uma certa oposição, publicando, por exemplo, os Sonetos de Camões. Então surge a grande mudança na *Folha*, na minha visão pra salvar a empresa, com o Cláudio Abramo, que estava lá desde antes do golpe militar. Soltaram as rédeas dele e ele fez da *Folha* um grande jornal, com cobertura de movimentos sociais e dando voz para a

oposição. Quando voltei pra lá, o jornal já era bastante livre, apesar de ser dirigido por uma pessoa conservadora, o Boris Casoy. Mais ou menos nessa época, o Otavio Frias Filho assumiu a direção do jornal e impôs o Manual da Redação, que foi uma batalha: houve muita resistência ao Manual e eu até me vi envolvido na história sem saber. Acabei saindo da *Folha* por isso.

Essa resistência ao novo projeto da *Folha* era de que natureza?

Era de natureza política. O que aconteceu foi o seguinte: a *Folha* cobria os movimentos sociais e as Diretas Já, mas quando foi conquistado o objetivo, a redemocratização conciliadora, acabaram os objetivos do jornal e dos jornalistas que estavam empenhados nesse tipo de cobertura. Sobre isso o Kotscho [Ricardo] vai poder falar melhor, porque ele participou diretamente da coisa. O Manual da Redação cerceava esse ímpeto pelas coberturas sociais, não que ele proibisse noticiar, mas ele estabelecia um sistema de controle que antes não havia. Houve essa mudança na *Folha*, mas também nos outros jornais. Não é que se proibisse assunto, não, mas se estabelecia um sistema de controle da informação e uma ética que não dava liberdade autoral.

Sua tarefa sempre foi zelar por um bom texto. Como você avalia o texto dos jornais de hoje?

Saem muito mais erros do que naquele tempo. Antes, o repórter escrevia à máquina, o copidesque usava a caneta azul, o chefe de sessão usava a caneta preta e o secretário usava a caneta roxa. O texto passava por todas essas instâncias e, depois, ia para uma dupla de revisores. Então saía um erro por mês. Hoje são dezenas por dia. Não há mais a preocupação com o texto que havia na minha geração; a preocupação é dar a informação direta. Também não há mais a motivação de envolver o leitor no texto. Mas tem outra coisa: hoje em dia quem gosta de reportagem é repórter, as pessoas simplesmente não têm mais tempo de ler. Eu mesmo não tenho tempo de ler. Não leio mais jornal nem revista, eu me informo pelo rádio e pela Internet.

Quais companheiros foram importantes na sua trajetória jornalística?

Além dos meus familiares, que foram muito importantes, me deram valores, me deram gosto, me deram coisas, eu acho que os mais importantes foram o Mino Carta, o Murilo Felisberto e o Sérgio de Souza. Eles foram os mais importantes da minha carreira.

Por quê?

Porque eles eram dirigentes que respeitavam os dirigidos, e que ao invés de procurar chefá-los, procuravam extrair o melhor de cada um. Pelo menos comigo, eles procuravam que eu fizesse o melhor possível.

Renato, quais são as histórias mais engraçadas que você viveu nas redações?

Tenho duas histórias, uma não sei se a gente pode chamar de engraçada, mas de qualquer forma é chamativa, que eu vou contar em primeiro lugar. Eu era editor de medicina da *Veja*. Resolvemos fazer uma reportagem sobre acupuntura, aí fizemos um levantamento nacional e foram entrando, naquela edição, outros assuntos, outros assuntos e outros assuntos, um mega acontecimento da semana e sobraram duas colunas pra matéria que, antes, teria várias páginas. Isso era muito comum na *Veja* e deve ser até hoje. Resolvi, diante do pouco espaço, publicar a história do Recife, onde os ambulatórios da Previdência Social ofereciam acupuntura. Era o único lugar no país que tinha coisa parecida. Escrevi as duas colunas, escolhi uma foto, a página foi desenhada e, quando eu estava indo embora, ouvi um berro do diretor adjunto de redação: "Quem pôs essa foto em medicina?" Eu respondi: "Fui eu, por quê?" Ele disse que aquela foto não poderia entrar porque o atendente era branco e o paciente era negro. "Você não sabe que nessa revista preto é só bandido, cantor ou jogador de futebol?", ele perguntou, e eu devolvi: "Você é racista?". Ele disse: "Não, mas nossos leitores são."

E a outra história?

Foi no *Jornal da Tarde*, no prédio do *Estadão*, na Marginal Tietê. Lá tinha muito urubu que voava atrás dos bichos que morrem atropelados na Marginal. Esses urubus começaram a pousar no andar da redação do *JT* e também no andar da redação do *Estadão*. Uma vez, não sei se não tinha ar condicionado ou se o mesmo estava com defeito, a janela ficou aberta e um urubu entrou na redação. O alvoroço foi tão grande que o urubu ficou assustado e começou a vomitar a carniça que tinha acabado de comer. Se o cheiro dele já era uma coisa indescritível, o da carniça, então, era insuportável. Ele voava, batendo no vidro e tentando sair. A redação inteira gritava, as pessoas fugiam do caminho dele e ele vomitava a carniça em cima dos computadores e das mesas. No fim, um segurança o pegou na sala do redator-chefe – segurança é para essas coisas –, o levou até o primeiro andar e o soltou. Nunca mais deixamos a janela aberta. Boas histórias?

Boas histórias! Você gostaria de contar mais uma?

Bem, na *Veja*, com a saída do Mino Carta, a revista passou a fazer o jogo do regime militar. No Rio de Janeiro havia dois psicanalistas, o Hélio Pellegrino e o Eduardo Mascarenhas, que eram mal vistos porque procuravam levar a psicanálise para as favelas, além de serem atuantes na oposição ao regime. Eu era o editor de medicina e me mandaram dizer que o Mascarenhas era amante e terapeuta, ao mesmo tempo, da atriz Cristiane Torloni. Eu sabia que não era verdade. O que aconteceu foi o seguinte: ela entrou no grupo de terapia coordenado por ele, um se interessou pelo outro e então ela foi afastada do grupo, levada a outro terapeuta que o Mascarenhas não conhecia pessoalmente e os dois, depois disso, passaram a namorar. Disseram que eu estava errado, que ele era amante e terapeuta dela ao mesmo tempo. Eu me recusei a fazer a matéria, mas alguém a fez. No número seguinte tiveram que publicar um desmentido do Mascarenhas, contando a história que eu já sabia. Meu chefe me disse: "Não tem problema, porque no Brasil ninguém acredita no desmentido, só na primeira versão dos fatos. Nos demos bem."

Nossa última pergunta: qual sua opinião sobre essa iniciativa de registrar a memória do jornalismo?

Eu acho muito importante, acredito que essa maneira de registrar, filmando e tal, torna a memória uma coisa mais íntima, fica quase como uma palestra, em que há um retorno. Eu gostaria de ver o resultado.